

Confesso que votei

De manhã descobri que o dia havia chegado. Podia me pôr de pé, agora sim como cidadão que recupera sua dignidade. Com o voto na mão, ao lado de Maria, saímos deixando Henrique (sete anos) dormindo na liberdade dos inocentes. No caminho havia no ar um gosto de democracia, uma alegria da dignidade recuperada, a seriedade do dia mais importante deste século.



Entrei na sala da votação como quem entra no ventre materno, para recuperar minha identidade perdida, arrancada que foi pela força naquela tarde miseravelmente triste de 31 de março de 1964, onde queimaram a UNE e todos os meus sonhos por muito tempo. Entrei na sala como quem procura o recomeço de tudo, a minha condição de brasileiro, livre, sem medo, eu mesmo, na minha casa, no meu país, na minha condição de ser livre. Entrei com as minhas armas bem afiadas, um nome, um título e uma caneta. Olhei bem o mesário, ele também estava alegre, feliz. Assinei a folha de votação, votei e

entrei junto com meu voto no turbilhão das vontades que mandam no Brasil a partir de agora e para sempre!

Maria já havia votado. Com seu rosto de japonesa era a mais maravilhosa das brasileiras. Voltamos como dois anjos para casa, como deuses depois do milagre. O mundo já era diferente. Estava cheio de cidadãos e não de cassados. Os jovens de 16 anos nos acenavam para dizer que estavam ali ao nosso lado, para construirmos o sonho de todos, tão simples, o de simplesmente viver e sermos felizes.

No caminho de volta encontramos uma mulher que segurava seu título como se fosse uma imensa pedra preciosa, ela tão pobre, com um sinal tão rico. Ia votar. Na entrada do edifício saía outra com a caneta na mão como se fosse uma arma, ia ansiosa, confiante derrotar a ditadura! Com muita alegria.

Entramos em casa, Henrique ainda dormia. Ainda bem, agora ele podia dormir em paz. Um tempo triste havia acabado, um novo tempo, tão novo quanto ele, havia começado. E estávamos felizes.